

PADRE ANTÔNIO CARLOS PEIXOTO

° São Carlos — São Paulo: 04-11-1886

73 anos

† Barbacena: 21-07-1960

Pe. Antônio Carlos Peixoto nasceu aos 4 de novembro de 1886 em São Carlos — São Paulo. Filho de Antônio Cesário Peixoto e Ana Peixoto. Em março de 1903 entrou no Colégio São Joaquim, de Lorena. Dois meses depois de ter chegado ao colégio, Pe. Peixoto, com 16 anos, participou da famosa ordem de fuga na manhã de 6 de maio de 1903, quando, após vários casos de febre amarela, o próprio diretor daquele estabelecimento veio a falecer. Também a charanga, composta de um pistão, uma clarineta e uma bateria de instrumentos de acompanhamento e de percussão, foi condenada ao êxodo. Antônio Peixoto teve a benemerência musical de carregar o bombo durante toda uma viagem de seis léguas no meio da lama. Em janeiro de 1904, iniciou o noviciado na mesma cidade, tendo recebido a batina, a 3 de março daquele mesmo ano, das mãos do inspetor salesiano Pe. Carlos Pereto. Em 1906 fez a primeira profissão religiosa e em janeiro de 1909 a perpétua. Lecionou

no Colégio Santa Rosa, de Niterói, de 1907 a 1909. Fez o curso teológico no seminário salesiano de Foglizzo-Itália, cursando entre outros a faculdade de Turim, onde se doutorou. Recebeu as ordens menores das mãos de Dom Mateus Filippelli, e o diaconato e presbiterato das mãos de Dom Constâncio Castrale. Finalmente no dia 20 de setembro de 1913 era sacerdote do Deus Altíssimo.

Trabalhou no colégio salesiano de Lorena e depois partiu para os trabalhos apostólicos nas missões do Rio Negro. Em fim de novembro de 1926, Pe. Carlos Peixoto, no vapor "Tefé" da "Amazon River", singrando as águas barrentas do Rio Madeira, chega a Porto Velho, sede da prelazia de Porto Velho. No dia 10 de novembro celebrou a primeira missa, apenas como encarregado da prelazia, como noticia o "Alto Madeira" de 30 de novembro de 1926. Foi o animador do primeiro movimento leigo, do qual lançou mão em larga escala. Alcançou todas as frentes de trabalho evangélico: desde a cidade de Humaitá, até ao alto Guaporé, e interior adentro, rios, igarapés e estrada de ferro.

Em Porto Velho, deu impulso à construção da catedral. Os meios não faltavam, embora viessem aos pingos. Em data de 1.º de setembro de 1927, recebia esta comunicação: "Autorizo o Revmo. Snr. Pe. Antônio Carlos Peixoto a rubricar todos os livros e registros paroquiais das paróquias de Porto Velho e Humaitá, e Santo Antônio com sede em Guajará-Mirim". A 10 de novembro de 1928, foi nomeado vigário-geral da prelazia. Assim, com este poder, aos 20 de dezembro do mesmo ano, chegou a Guajará-Mirim para se estabelecer e officiar na igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, à guisa de igreja paroquial, pois desde 12 de junho daquele ano o minúsculo povoado tinha sido elevado ao grau de cidade, deixando de ser apenas uma insignificante indicação potamográfica. Trabalhou muito para conseguir os terrenos para a construção do Hospital São José, o Colégio Maria Auxiliadora, o Ginásio Dom Bosco, de Porto Velho. Assim começou a formar um pequeno patrimônio para a prelazia, futura diocese, para se poder viver, pois ninguém vive de ar.

Pe. Peixoto era muito jeitoso para esses assuntos "de jure", age com calma e prudência; é muito obediente a seus legítimos superiores. Pe. Peixoto foi sempre, até à morte, um rígido, frio e intransigente canonista, o homem da lei. Como todo homem inteligente, era muito alegre, ativo, bom,

com pleno senso de iniciativa e responsabilidade. Era também de bom humor e muito fino, que acabou servindo ao seu conformismo. Sua vasta cultura foi pouco aproveitada, fazendo observações profundas em muitas áreas do saber humano. Já idoso, poucos anos antes de morrer, foi ao Rio Branco do Acre prestar exame de suficiência, para se habilitar ao magistério, dentro da reforma. Brilhou de tal modo que deixou a banca examinadora quase sem condições de o julgar.

Em 1946 foi destinado como professor e confessor no seminário arquidiocesano de Belém, e ficou neste cargo três anos. Os seminaristas, e mesmo os alunos do Colégio do Carmo, aos quais dava também aula, gostavam imensamente dele, chamando-o de "poço de ciência", pois respondia logo a qualquer pergunta que lhe fizessem.

Os registros de batizados e casamentos, o livro de Humaitá e Porto Velho, escritos por ele, servem de exemplo para os vigários pela limpeza, caligrafia, clareza, tudo ordenado. Como professor de direito no seminário de Belém, era estimado, e suas aulas eram esperadas como a chuva no Ceará. Os vigários o consultavam continuamente. Muito rígido consigo mesmo, mas alegrava os outros. Quando Dom Ziggiotti passou pelo Rio, na mesa ele ficou bem na frente do Superior Geral e alegrava a conversa com coisas interessantes.

A morte do Pe. Antônio Peixoto passou quase despercebida: ninguém nunca se interessou pela "carta mortuária" que acompanha o falecimento dos irmãos na praxe da Congregação Salesiana. Pode-se ainda afirmar honestamente que muitos foram e são admiradores do Pe. Antônio Peixoto. Sem dúvida alguma, ele está entre os grandes positivamente vinculados para sempre à região do Rio Madeira, de Humaitá e especialmente de Rondônia.

Faleceu em Barbacena, mas seus restos mortais repousam em Humaitá, pois ele foi o primeiro salesiano que pisou na Princesa do Madeira, e fez a festa de Nossa Senhora da Conceição, depois de ter sido criada a prelazia de Porto Velho, à qual ficou pertencendo Humaitá. Durante os anos de 1928 a 1933, foi ele o padre itinerante, e percorreu rios e igarapés, levando por toda parte a alegria e o saber e fazendo o apostolado onde às vezes não era ainda conhecido, por nunca ter passado o padre.